

TÉCNICA E CRIAÇÃO NO ENSINO DE LUTAS

Rubens Antonio Gurgel Vieira

As manifestações da cultura corporal denominada como lutas compõem importante acervo dos conhecimentos humanos, sendo uma prática milenar que se confunde com a própria história das civilizações. Artes marciais tão antigas quanto nossas mais clássicas culturas atestam o afirmado, e podem ser exemplificadas em modalidades como o jujútsu, luta greco-romana, pancrácio, karatê ou kung fu. Se pensarmos em território nacional, temos nossa tão combatida capoeira (dentro do currículo oficial), prática que traz consigo algumas centenas de anos, mas pouco presente nas escolas oficiais.

Somente tal perspectiva já advoga uma presença confirmada das lutas nos currículos oficiais da Educação Física brasileira. Poderíamos ainda argumentar que, legalmente, todas as manifestações da cultura corporal devem ser tematizadas, incluindo aí as lutas, pois o um dos objetivos é tratar suficientemente da relação ser humano e sociedade (BRASIL, 2004).

Entretanto, considerando alguns aspectos pouco democráticos da constituição das leis brasileiras, opto por citar Neira e Nunes (2006) como defesa da ampla tematização da cultura corporal, sem ressalvas para formatos pouco tradicionais como as lutas e as danças (e dentre tais, espaço para várias práticas, não se limitando ao judô e balé).

Feito sua defesa, o trabalho com lutas no universo escolar guarda em si algumas possibilidades curriculares que podem ser conflitantes e mesmo confusas. Silva (2006) nos ensina que o currículo é território contestado, arena de confrontos em que diferentes visões de mundo se enfrentam pelo direito de formar identidades alinhadas aos seus propósitos. Este aspecto é fundamental para compreendermos parte dos problemas concernentes à limitação das lutas no cotidiano da escola.

Isso se dá uma vez que a Educação Física Escolar apresenta historicamente diferentes objetos de estudo, o que acarreta diferentes objetivos, metodologias, avaliações etc. Bracht (1999) realiza uma análise epistemológica hibridizada com aspectos históricos e elenca quatro possibilidades diferentes de trabalho: esportivismo, desenvolvimentismo, psicomotricidade, saúde renovada e pedagogia crítica.

Devido ao espaço e propósito deste debate, simplificaremos a questão defendemos que o currículo cultural como proposto por Neira e Nunes (2009) como uma boa opção no trato de lutas para a escola. Sendo filho das pedagogias críticas, tal currículo foi

desenvolvido por seus autores a partir da releitura das propostas críticas com a inclusão de conceitos do Multiculturalismo Crítico e dos Estudos Culturais.

As possibilidades metodológicas com esta visão curricular apresenta respostas interessantes para as principais barreiras no ensino de lutas dentro da escola. Foquemos um pouco nesta questão: Nascimento e Almeida (2007) afirmam que as maiores razões apontadas por docentes para a recusa no trabalho com lutas se dá formação insuficiente e pela deficiência técnica do próprio professor. Borges e Desbiens (2005) se alinham a estas acusações quando demonstra o pouco sucesso do currículo formador em aparelhar o professor em modalidades distanciadas dos hegemônicos esportes coletivos.

Entretanto as razões nos parecem descabidas diante de constatações simples, como por exemplo, o fato de que professores limitados como praticante em diversas modalidades esportivas coletivas não se furtam a ensiná-los, e mesmo promover turmas de treinamento, interclasses, jogos escolares. Logo, a questão parece ser muito mais ampla, envolvendo questões socioculturais brasileiras com forte preconceito ao mundo das lutas, bem como questões da microcultura escolar e seu cotidiano, gerador de cultura própria alinhada a outros interesses (CERTEAU, 1990).

Diante do complicado quadro, advogamos que práticas metodológicas que tencionam a alfabetização de uma linguagem corporal dribla tal problema com muita categoria, pois não defende o professor como praticante exímio, detentor de todo o conhecimento e centro do processo educativo. Processos didáticos como mapeamento, tematização, ampliação, aprofundamento e ressignificação (NEIRA, 2011) permitem que o professor se coloque como pesquisador do mundo em conjunto com os alunos, em um processo educativo que abre horizontes e possibilidades de novos olhares sobre temas sociais. Por fim, mesmo que em outras possibilidades curriculares, acreditamos que as lutas não podem estar à margem da escola nacional, sendo ferramenta importante na Educação Física Escolar.

Todavia, somente a justificação da presença do tema lutas na escola não contempla uma discussão metodológica importante de tal manifestação, que é a relação entre a técnica e a criação de movimentos no ensino das lutas.

A tradição filosófica ocidental possui raiz platônica, pavimentando este campo de saber como prática da reflexão e priorizando a identidade do pensamento em detrimento das relações múltiplas que valorizam a diferença. Assim, longe de se limitar ao campo filosófico, o pensamento como ato de reconhecimento de essência atravessou muitos outros campos dos saberes, subjetivando a partir de enunciados alinhados à identidade.

O pensamento cartesiano continuou o trabalho de Platão e, a partir do advento e consequente supremacia científica moderna, levou esta forma de pensar ao senso comum, ao cotidiano da vida, à microfísica política e, ponto nevrálgico da Educação Física, à concepção de aprendizagem e as formas de ensino. Portanto, aprender no senso comum ocidental é reconhecer, é compreender o já pensado, é apreender o que já existe.

No campo das artes marciais, a tradição oriental predominante reforça o pensamento da reconição ao possuir como metodologia a automatização dos movimentos corporais mediante sistemas pensados de antemão.

Logo, a partir do conceito de aprendizagem inventiva, que renega ambas as tradições de metodologia de ensino, o trato com o ensino de lutas em um pensamento que privilegia a construção de mundo a partir da relação entre os termos pode ser bem inovador, entendendo o mundo como uma interação construtiva ao invés de essências pré-existentes aos entes. Como resultado, acredita-se no enriquecimento das metodologias das lutas se compreendermos como uma tensão entre técnicas e processos criativos, onde cada resposta deve ser devidamente criada, mesmo que em meio a automatismos técnicos.

Referências

BORGES, C.; DESBIENS, J. *Saber, formar e intervir para uma educação física em mudança*. Campinas: Autores Associados, 2005.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. *Cadernos Cedes*, ano XIX, n.48, ago.1999.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Educação Física*. Parecer CES/CNE 58/2004, homologação publicada no DOU 19/03/2004, Seção 1, p. 11. Resolução CES/CNE 07/2004, publicada no DOU 05/04/2004.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1990.

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GALLO, Silvio. *Múltiplas dimensões da aprendizagem*. Congresso de Educação Básica, 2012.

KASTRUP, V. *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo nos estudos da cognição*. São Paulo: Papyrus, 1999.

NASCIMENTO, P. R. B.; ALMEIDA, L. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 91-110, setembro/dezembro de 2007.

NEIRA, M. G. *Educação Física*. São Paulo: Blucher, 2011.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. Educação Física, *Currículo e Cultura*. São Paulo: Phorte, 2009.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. *Pedagogia da cultura corporal*. São Paulo: Phorte, 2006.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.